

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO
BIANCA TRINDADE DOS SANTOS

A DÚVIDA CARTESIANA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O
ENSINO DE FILOSOFIA

MACAPÁ - AP
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ – UNIFAP
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO
BIANCA TRINDADE DOS SANTOS

A DÚVIDA CARTESIANA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O
ENSINO DE FILOSOFIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Amapá – UNIFAP como parte das exigências do Curso de Especialização no Ensino de Filosofia para o Ensino Médio-Distância, para a obtenção do título de Especialista.

Orientador: Prof. Msc. Cesar Augusto Mathias de Alencar

MACAPÁ - AP
2018

A DÚVIDA CARTESIANA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Amapá – UNIFAP como parte das exigências do Curso de Especialização no Ensino de Filosofia para o Ensino Médio-Distância, para a obtenção do título de Especialista.

Macapá – AP, 19 de abril de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Msc. Cesar Augusto Mathias de Alencar (orientador)

Membro 2

Membro 3

A DÚVIDA CARTESIANA COMO CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA

Bianca Trindade dos Santos*

RESUMO

O presente artigo traz como enfoque a relação entre aluno e professor no ensino de Filosofia, a fim de perceber que o aluno receptor e o professor tradicional não colaboram para uma mudança no ensino de Filosofia. Partindo desse pressuposto, propõe-se que o uso da dúvida cartesiana, mediada pelo professor motivador, poderá servir como metodologia para o ensino, de forma a poder ajudar seus alunos a posicionarem-se criticamente diante dos conteúdos recebidos, para assim aprender da melhor maneira. Com isso, a metodologia utilizada será a bibliográfica-documental, a fim de ter uma melhor análise do uso da dúvida, como a mesma atuaria como método para que o aluno possa fazer um filtro sobre as informações que recebe, analisando-as criticamente, a fim de poder participar de forma ativa das aulas, tornando-se um aluno instigador, que tenha, uma visão argumentadora e instigadora que ultrapassa a sala de aula.

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Dúvida. Professor. Aluno.

ABSTRACT

The present article focuses on the relation between student and teacher in Philosophy teaching, in order to realize that the receiving student and the traditional teacher do not collaborate for a change in the teaching of Philosophy. Based on this assumption, it is proposed that the use of cartesian doubt, mediated by the motivating teacher, may serve as a methodology for teaching, so as to be able to help its students to position themselves critically in relation to the contents received, in order to learn in the best way. With this, the methodology used will be the bibliographical-documentary, in order to have a better analysis of the use of the doubt, as the same would act as a method for the student to filter on the information that receives, analyzing them critically, the in order to be able to participate actively in the classes, becoming na

* Graduada em Licenciatura em Filosofia.
E-mail: biancatrindadedossantoa08@gmail.com

instigating pupil who has an argumentative and instigation vision that goes beyond the classroom.

Keywords: Teaching. Philosophy. Doubt. Teacher. Student.

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente artigo é indicar a dúvida cartesiana como uma metodologia capaz de adentrar a sala de aula e ser mais uma ferramenta na busca por um ensino significativo, em que o aluno possa participar de forma ativa do seu próprio aprendizado. Mas como motivar os alunos e os professores a usá-la como ferramenta no ensino?

Na área da educação, é possível ver variadas produções, livros, artigos que desenvolvem a ideia de que a Filosofia é capaz de dar conta da missão de possibilitar ao aluno que este forme seu senso crítico¹ para que o mesmo tenha autonomia, o preparando para fazer julgamentos e que possa levar isso para a vida e que esses resultados alcançados sejam fruto de seus esforços.

Entretanto, é perceptível que para formar a criticidade, o aluno deve saber fazer suas próprias análises, e não depender de algo exterior (professor, sociedade). Esses meios podem colaborar, mas não ser como um porta voz do adolescente. Dessa forma, o aluno poderia utilizar da dúvida como critério para encontrar a verdade nas coisas, mas para que isso ocorra, deve existir o interesse tanto do professor como do aluno, pois a metodologia que se tem usado no ensino de Filosofia não prioriza o uso do questionamento, mas somente o ensino tradicional, onde somente se reproduz o que é trazido para sala de aula.

Neste artigo estarão presentes ideias quanto aos benefícios que o uso da dúvida cartesiana pode exercer no ensino de Filosofia, bem como verificar o papel do professor nesse contexto. Deste modo, estará dividido em três partes: o primeiro revela o problema do ensino, onde estão presentes o aluno receptor e professor tradicional, a segunda parte consiste em verificar o método da dúvida em Descartes e a terceira parte analisa os resultados do uso da dúvida: a dúvida em sala de aula, resultando no professor motivador e aluno instigador.

O uso da dúvida cartesiana trará um possível resgate do papel crítico do aluno, daquele que participa de forma ativa da aula, que procura duvidar dos conhecimentos e das ideias

¹ BRASIL-MEC/SEB. Orientações curriculares para o ensino médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias (v.3). Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de educação Básica, 2006. p. 31.

apresentadas em sala, este que é o aluno instigador, trazendo à tona também o resgate do perfil do professor motivador, conceito que já fora apresentado por alguns estudiosos da área educacional.

1. O problema do ensino: aluno receptor e professor tradicional

1.1 Aluno receptor

O que se tem enfrentado nas aulas de Filosofia é a carência de alunos com características de questionador, que duvidam. O que se tem percebido é que os alunos hoje não apresentam interesse² em participar de discussões, aquele discente que não sente vontade de argumentar, de duvidar, acaba tornando-se um aluno recipiente, este é caracterizado por não apresentar qualquer dúvida e somente receber os conteúdos de Filosofia e essa ausência de questionamento dos alunos acaba por gerar uma lacuna, tanto na sua formação quanto no ensino.

O obstáculo para o conhecer, a curiosidade e o uso da dúvida pelo aluno é o hábito, este que “[...] opõe-se à inteligência, dificultando seu desabrochar. O comportamento habitual é sempre o mesmo, repetido” (PILETTI, 2000, p. 142) este que faz com que o aluno se acostume a receber os conteúdos na sala de aula, após isso, é apenas motivado a reproduzir aquela informação. Dentro desse hábito, pode-se perceber dois comportamentos no que se refere à ação desses alunos em sala: o primeiro é o comodismo e o segundo, o senso comum.

O primeiro se mostra na forma fácil de identificar em sala de aula, um exemplo disso é quando o professor em uma prova escrita, lança a pergunta para a turma: o que é ética? O aluno, por preguiça e acomodação, deixa a atividade em branco ou escondido do professor, pesquisa em outros meios (celular, apostilas) a resposta para aquela pergunta, ao invés de parar aqueles minutos e perguntar a si mesmo o que é a ética, o que ela lhe traz, como faz parte de sua vida. Este prefere ter a resposta de modo mais fácil e pouco criativa. Dessa forma, percebe-se que quem deveria estar mais interessado em aprender a duvidar, a conhecer, está preocupado em somente concluir o que lhe foi colocado e livrar-se daquilo que ele considera um peso.

Já a preguiça mental dos alunos é algo possível de se observar em praticamente todas as disciplinas, mas quando se trata da disciplina Filosofia este fato é ainda mais evidente. Os alunos em geral encontram enormes dificuldades de interpretar um texto filosófico, simples que seja, e ainda mais se for exigido que argumentem sobre o texto

² BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. Didática e filosofia no ensino médio: um diálogo possível. Educação Unisinos, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 133-142, mai. / ago. 2008 p.135

com base em sua compreensão, e assim, se observa a enorme dificuldade de desenvolver um pensamento com coerência lógica e em geral se cai em expressões como “acho”, que revelam uma incapacidade de pensar com conceitos ficando atrelado apenas no senso comum. (SIQUEIRA, 2012, p.2)

O segundo é o senso comum, que se mostra quando o discente está acostumado a ver conteúdos na sala de aula e o aceitar sem nenhum questionamento, e definir algo como correto ou incorreto sem julgamento, ou qualquer embasamento. Isso se dá pelo fato de que o mesmo acredita na famigerada ideia de que professor detém todo o conhecimento e a função do aluno (se é que pode ser chamado de *função*) em sala de aula é somente receber os conteúdos.

O hábito seria o costume de esperar que as perguntas já cheguem com as respostas, é herança de um ensino estagnado. Desde os primeiros anos escolares, os alunos se sentam e esperam as respostas chegarem à sua mesa, e isso não só se reflete nas aulas de Filosofia, mas também em outras disciplinas. O hábito acaba por engessar o aluno em uma posição que se torna difícil motiva-lo a aprender, pensar e discutir qualquer assunto que seja. Esse que não discute e não participa é aquele que não se dá ao trabalho de pensar, e de questionar o que o rodeia.

O aluno receptor é caracterizado então por: não gostar de perguntar, por ter vergonha, por não achar que sua pergunta é relevante ou por acreditar que o professor sabe de tudo e este não deve ser questionado. O aluno se torna um instrumento que somente reproduz, recebe os dados e aponta os resultados, não dando margem para que questionamentos possam ser feitos verificando que o aluno passa a ser um espectador do próprio processo de aprendizado.

Exatamente, e o mais grave, Paulo, é que o aluno se acostuma a esse tipo de trabalho e, então, o que o professor deveria ensinar - porque ele próprio deveria sabê-lo - seria, antes de tudo, ensinar a perguntar. Porque o início do conhecimento, repito, é perguntar. E somente a partir de perguntas é que se deve sair em busca de respostas, e não o contrário: estabelecer as respostas, com o que todo o saber fica justamente nisso, já está dado, é um absoluto, não cede lugar à curiosidade nem a elementos por descobrir. O saber já está feito, este é o ensino. Agora eu diria: “a única maneira de ensinar é aprendendo”, e essa afirmação valeria tanto para o aluno como para o professor. (FREIRE, 1985, p. 25)

Alunos receptores foram acostumados a apenas dar a resposta no fim de qualquer atividade. O ensino das disciplinas, dessa forma, pouco se fez para sanar essa falha. No ensino de Filosofia, manteve-se essa didática, de formar no aluno a capacidade de dar o resultado esperado, deixando de lado o caminho que o levou a essa resposta, de como chegou a ele, que critério usou.

Não é curioso que os nossos processos de ensino de ciência se concentrem mais na capacidade do aluno para responder? Você já viu alguma prova ou exame em que o

professor pedisse que o aluno formulasse o problema? O que se testa nos vestibulares, e o que os cursinhos ensinam, não é simplesmente a capacidade para dar respostas? Frequentemente, fracassamos no ensino da ciência porque apresentamos soluções perfeitas para problemas que nunca chegaram a ser formulados e compreendidos pelo aluno. (ALVES, 1981 p.18)

Dessa forma, além de esperarem os conteúdos e as respostas fáceis, esses alunos não apresentam interesse algum em participar de forma ativa na sala de aula, eles estão somente acostumados a visualizar os conteúdos e os entenderem como uma verdade inquestionável e acabam por apenas repeti-los. O que os alunos devem compreender é que o conhecimento não é algo acabado e que pode ser discutido, os conteúdos que são trazidos pelos professores podem e devem ser postos à prova, os alunos deveriam aprender isso antes de qualquer aprendizagem, seja de Filosofia ou qualquer outra área do conhecimento. As discussões devem partir desse pressuposto: as ideias que o professor traz para a sala de aula podem ser debatidos.

A falta de participação dos estudantes nas aulas está muitas vezes vinculada à estruturação dessas, que apresentam-se engessadas em programas pré-estabelecidos que não permitem que os estudantes possam desempenhar papel ativo na aprendizagem. (GALLE, 2015, p.4)

O aluno receptor é o mais fácil de trabalhar porque ele não critica, não pergunta, não participa, não acrescenta em questionamento, não “incomoda”. O professor pode ensinar qualquer ideia contrária, até por brincadeira, e o aluno irá receber de bom grado. Um exemplo dessa dimensão pode ser visto a seguir: articula-se que o professor chegue em sala de aula e diga que o pai da Filosofia é Aristóteles, muitos alunos mesmo achando estranho, irão receber essa informação e não irão duvidar da informação, não é somente porque não conhecem se esta é a verdade, mas pelo motivo de acharem mais fácil não criticar e não perguntar nada.

Quando o médico lhe dá uma receita você faz perguntas? Sabe como os medicamentos funcionam? Será que você se pergunta se o médico sabe como os medicamentos funcionam? Ele manda, a gente compra e toma. Não pensamos. Obedecemos. (...) Afinal de contas, para que serve a nossa cabeça? Ainda podemos pensar? Adianta pensar? (ALVES, 1981, p.8)

O ato de duvidar em sala de aula perdeu seu lugar com o passar do tempo, o importante no ensino é apresentar os resultados estimados pela escola e pelo professor, enquanto que o aluno acaba por ser a representação exata de um espelho, apenas reflete o que o professor lhe passa, dessa forma, percebe-se que a falta da metodologia questionadora não é somente por falta do interesse do aluno, mas também pela ausência de um professor que motive seus alunos a usar a dúvida como ferramenta de ensino.

1.2 Os problemas com os professores

O professor desempenha um papel primordial no processo de cultivar o aluno instigador. Contudo, o que se tem presenciado são professores que não apresentam interesse em mostrar esse caminho diferenciado para que os discentes possam ter autonomia.

Percebe-se dois empecilhos para que o professor não motive seus alunos: um é pela falta de tempo, pois muitos professores que tem uma carga horária pequena, como a que é dada para a disciplina de Filosofia, deste modo, um é pela falta de tempo, contando com somente um horário para desenvolver suas atividades; e o outro está presente no modo pelo qual o professor prefere dar sua aula - sendo uma decisão pessoal, ela se dá pela própria atitude do docente, que não deseja motivar seus alunos.

O primeiro obstáculo presente se refere às aulas de Filosofia em si. Para uma boa parcela dos professores, os 50 minutos definidos para as aulas da disciplina, não são suficientes para que o professor possa desenvolver um debate substancial junto com os alunos. Isso se dá pela forma que a escola e os alunos se organizaram até então, trazendo um problema que acarreta outros.

Diante deste quadro, como um professor de Filosofia desenvolverá um bom trabalho com 1 hora/aula semanal? Ele não tem tempo de aula suficiente para dar seguimento as suas ideias e tem um elevado número de turmas e alunos para atender, dentro do reduzido espaço de tempo que tem para trabalhar. (DUTRA, 2015, p.34)

Nesse sentido, o professor percebe quanto tempo é perdido em pequenas coisas, como chegar à sala de aula, organizar os alunos, e então perceber que, nos poucos minutos que resta até o final da aula e tentar motivar seus alunos ao questionamento acabaria por ser tempo perdido, pois quando os adolescentes estivessem construindo algo, a aula terminaria, fazendo o mesmo perdesse o foco, em decorrência disso, perde interesse em duvidar e participar da aula, por consequência, deixando aquele questionamento de lado. O professor, nesse caso, só estaria motivado a usar da dúvida como metodologia se o mesmo dispusesse de mais aulas, para que essa investigação não se desse de forma desmembrada, e que o aluno não considerasse sem sentido.

O segundo empecilho ocorre pelo professor não considerar interessante causar no seu aluno a dúvida, a curiosidade, e mostrar que podem usar de questionamentos a fim de poder amadurecê-los, já que este trabalho demanda tempo e paciência. Os professores veem esse processo como cansativo, como voltar a *reensinar* seus alunos a duvidar das coisas. Aqueles

não apresentam ao mesmo tempo vontade alguma para aprender, para participar da aula. Seria como brincar de cabo de guerra com somente uma equipe de um lado: seria muito esforço para pouco resultado.

O docente que não incentiva também está acostumado ao aluno receptor, aquele que não apresenta dúvidas, que somente reproduz o que está sendo apresentado a ele. Como foi dito, o aluno receptor é o mais fácil de trabalhar porque ele não incomoda e apresenta os resultados esperados.

A existência desses professores que tolhem é mais fácil de perceber. Eles cortam pela raiz qualquer possibilidade de comunicação e de conversa com os alunos, se sentem mais à vontade dessa forma, pois o aluno que pergunta, que participa, acaba por incomodar a mesmice e o costume em que o professor se encontra. Este tipo de professor, assim como o do aluno receptor, carregam o hábito de não dar seguimento à discussão.

Este hábito pode ser percebido em suas aulas, quando o mesmo pede para que seus alunos guardem as perguntas para o fim da aula. Nesse momento, o aluno já esqueceu o que tinha como dúvida e essas devem ser postas em aula no momento em que ela surge, pois naquele momento a dúvida tem peso e incomoda, dando assim vontade ao aluno de querer saber um pouco mais sobre. Todavia com essa atitude do professor, acaba por desmotivar o aluno, pois ele começa a pensar que aquela sua pergunta não tem tanta importância.

Além disso, existem professores que nem ao menos dão a possibilidade de os alunos participarem da aula. Estes são os professores autoritários. Segundo Paulo freire (1985, p.23), “a curiosidade do estudante às vezes pode abalar a certeza do professor. Por isso é que, ao limitar a curiosidade do aluno, a sua expressividade, o professor autoritário limita a sua também”. O professor autoritário que não permite que seus alunos se expressem e demonstrem suas dúvidas, acaba por mascarar suas falhas como profissional.

Muitas vezes, para esconder sua própria incompetência (por não dominar o conteúdo da filosofia, desconhecer as metodologias de ensino, ou ainda, por não ter compromisso político com seu trabalho docente), esse professor acaba se tornando um “especialista em relações humanas. (BARBOSA, 2008, p.138)

Nessa situação, o aluno acaba por aceitar a visão, indicada acima de que o professor detém todo o conhecimento e o aluno está na aula somente para ouvir e reproduzir. Esta reprodução também está presente na atividade do professor de Filosofia, quando sua aula apenas repete o que se apresenta no livro didático. Muitos desses docentes acabam apenas repetindo as ideias dos filósofos, não abrindo espaço e nem permitindo que seu aluno reaprenda a duvidar a

partir dos conteúdos. Se o professor não estimula no aluno o que ele já tem por natureza, que é a dúvida, aquilo que poderia ser uma árvore, acaba sendo somente uma semente. Mas se esta semente for plantada, renderá frutos por um bom tempo.

Sendo a filosofia uma atividade essencialmente crítica, racional e “dialogante”, não faz sentido um ensino de filosofia onde o professor apenas repita o que foi falado por outros e não dê espaço algum para que o aluno tenha a chance de elaborar um pensamento autêntico. (BARBOSA, 2008 P. 141)

Lançar mão de ensinar e motivar os alunos a duvidar sobre as coisas é uma coisa que terá um peso enorme no futuro do discente, tolher as dúvidas que podem surgir no caminho também é uma forma de podar algo que está crescendo. Dessa forma, o professor não deve colocar o aluno em um espaço pequeno, o restringindo a responder os dados esperados, pois isso acaba por limitando as suas capacidades enquanto deveriam ser estimuladas.

2. O método da dúvida em Descartes

O filósofo escolhido para essa discussão acerca de um ensino de Filosofia menos receptor e mais instigador é Descartes – filósofo francês conhecido por sua frase famosa “*penso, logo existo*”, e pelo seu método então chamado de *cartesiano*, é considerado o pai da filosofia moderna por trazer a ela uma visão e um método que dão ênfase sobre a razão humana, logo colocando o homem como ser que busca o conhecimento. Sua Filosofia, portanto, vai muito além de suas mais conhecidas ideias, apesar de dedicar a maior parte de sua vida no propósito de validá-las, trazendo noções importantes para várias áreas do conhecimento.

Entretanto, para chegar a verdade tão almejada a partir do cogito, Descartes, a princípio, verificou a educação que recebera desde cedo. Tendo em vista seus escritos, vê-se que ele esmiuçou os problemas enfrentados em sua própria trajetória escolar, sem negar as contribuições que sua escola La Flèche e seus mestres tiveram para a formação da sua personalidade e intelecto, onde aprendeu as primeiras letras.

Depois de se formar, busca por outras experiências em viagens e guerras, tendo contato com pensadores da época, após essas aventuras, isola-se e passa a estudar sozinho, para enfim ter suas próprias conclusões, ser professor de sua mente, a fim de encontrar a sua tão esperada verdade nas ciências, isso é possível ver no início da meditação primeira, onde o mesmo declara:

Há algum tempo eu me apercebi de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões como verdadeiras, e de aquilo que depois eu fundei em princípios tão mal assegurados não podia ser senão mui duvidoso e incerto; de modo que me era necessário tentar seriamente [...] desfazer-me de todas as opiniões a que até então dera crédito, e começar tudo novamente desde os fundamentos[...] Mas, parecendo-me ser muito grande essa empresa, aguardei atingir uma idade que fosse tão madura que não pudesse esperar outra após ela. (DESCARTES, 2005, p.85)

Após ponderar bastante, René Descartes começou a usar um método para analisar as ideias que chegavam até a ele. Valeu-se do cogito para limpar todo o caminho infestado de erros e enganos a fim de chegar à verdade. Minucioso e sistemático com era, criticou o fato de estudiosos não se preocuparem com o que se chega como conhecimento, o fato dos indivíduos não se preocuparem nem com coisas simples que chegam até eles, como a soma de $2 + 2$ ser igual a 4, mesmo que isso para eles seja claro e evidente, o fato de não cogitarem que o resultado possa ser diferente, é como se fosse recebido como verdade indubitável, pois o indivíduo não se preocupa em analisar os conteúdos a fundo.

Segundo Descartes, “um defeito comum do gênero humano” fez com que os letrados desprezassem a meditação sobre as coisas simples, tomando-as como muito fáceis, de modo que tais homens talvez estejam convencidos de que são raros os conhecimentos de que não se pode duvidar. Contrapondo-se a este pensamento, Descartes afirma que essas coisas simples são muito numerosas e capazes de demonstrar de um modo certo uma grande quantidade de proposições sobre as quais estes homens não puderam raciocinar senão de forma muito provável. (OLIVEIRA, 2006, p.59)

Para Descartes, os letrados pecam em não analisar as informações, aceitando o que lhes vêm, sem questionar se aquele conhecimento é verdadeiro ou não, pois preferem aceitar o que é recebido de bom grado. O ato de duvidar das ideias será denominado *de dúvida metódica*, procedimento que consiste em analisar criteriosamente todos os saberes e crenças até então tidos como verdadeiros, e verificar se esta informação recebida merece crédito, se deve ser considerada verdadeira. Para ele a dúvida³⁴ funciona como instrumento que possibilita ao homem averiguar tudo que a ele se apresenta, absorvendo somente o que há de mais certo e indubitável.

Descartes utilizou o ato de duvidar como método, que é capaz de trazer conhecimento a quem o emprega. Questionar se torna primordial e este pode ser usado no ensino de Filosofia, pois a dúvida faz com que mais conhecimento possa ser gerado e também libera espaço para

³ REALE, Geovani; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Do Humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990. p.366

⁴ COTTINGHAM, Jonh. **Dicionário de Descartes**. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995. p.50

que somente o que é verdadeiro possa sobressair às inverdades ou erros nas ideias que se apresentem ao aluno. A dúvida serve como filtro para as informações.

A filosofia elaborada por Descartes assume posicionamentos que podem ser considerados filosofia da educação, por pretender fundamentar todo e qualquer saber, inclusive o saber pedagógico e a própria pedagogia moderna. Além disso, estabelece o caminho seguro da busca da verdade como um percurso filosófico-pedagógico. Por outras palavras, o pensamento filosófico de Descartes, deveria ser seguido por aqueles que educam e deveria ser preservado por aqueles que pretendem educar. É através do percurso filosófico-pedagógico acima mencionado que o sujeito moderno deveria ser educado. (ALONSO JÚNIOR, 2012, p. 28)

O emprego da dúvida vai permitir que o indivíduo conheça as coisas a fundo. A dúvida pode ser inserida na sala de aula para que os alunos possam usá-la como caminho para conhecer, para verificar o que chega a eles, além de ajuda-los na formação de sua criticidade. Dessa forma, a dúvida ultrapassa as paredes da sala de aula, podendo ser usada em qualquer situação.

3. A dúvida em sala de aula: o professor motivador e o aluno instigador

3.1 Professor motivador

O termo *professor motivador* é um conceito já existente e usado por alguns estudiosos na área da educação, por exemplo, na produção de Silva (2013 p. 27), relata que para ser um professor motivador é imprescindível que “para tanto o professor deve buscar estratégias adequadas que acendam nos alunos o desejo pelo novo, pela exploração de conhecimentos.” Este professor motivador é aquele que vai indicar o primeiro caminho em que os alunos devem seguir, para que enfim, os mesmos possam posteriormente irem por conta própria, é como se o professor fosse o adulto e o aluno fosse a criança em processo de dar os primeiros passos, o professor seguraria pelas mãos e ajudaria nos primeiros passinhos, depois disso, a criança passa a ir sozinha, caindo no caminho e sempre levantando para tentar novamente.

No que se refere ao uso da dúvida cartesiana em sala de aula, o professor servirá como facilitador e motivador. Ele será o mediador entre o aluno e o processo de questionamento. No entanto, antes disso, o professor deve fazer um diagnóstico com a turma, a fim de saber o que eles conhecem. Após essa análise, o professor pode mostrar que nem tudo que se recebe é verdadeiro, e que o aluno pode instigar o que se apresenta como sendo a verdade, fazendo com que o aluno possa pensar sobre e depois tomar um posicionamento perante o assunto.

O professor pode ajudar o aluno a se apropriar dos conteúdos, das ideias que serão discutidas. Ele, assim, poderá avaliar esse conhecimento e verificar qual a sua validade,

impulsionar o questionar em sala fazendo uma relação com a vivência do discente faz com que ele se interesse mais e se sinta à vontade de participar.

[...] o professor de Filosofia tem uma importante missão, levar os alunos a um processo reflexivo ensinando-os a pensar, a se questionar a partir da própria realidade de uma forma que brote nos jovens e adolescentes aquele tipo de pergunta que faziam quando tinham cinco anos de idade. (SIQUEIRA, 2012, p. 7)

Com essa motivação do professor, o aluno passará a utilizar a dúvida para analisar o que o mesmo recebe como conhecimento, utilizando-a a fim de conhecer e limpar o caminho para poder ter acesso as coisas de forma clara e distinta.

Porém, para que o aluno possa ter resultados, ele mesmo deve estar interessado, curioso para conhecer. Esse ato de duvidar, no início, deve ser sempre alimentado tanto pelo professor quanto pelo aluno, até para que ele possa fazer parte do cotidiano escolar. Formar a criticidade do aluno é importante para a Filosofia, porque um aluno que não instiga o que está a seu redor é um aluno recipiente, que apenas absorve o que o professor tem para dar.

Tendo isso em vista, professor deve direcionar a dúvida do aluno, até onde ela pode chegar, pois “[...] é ele quem sabe quais são os conhecimentos mais relevantes. ” (RAMOS, 2008, p.69). Isso porque mesmo o ato de duvidar deve ser guiado, para assim, posteriormente, permitir aos alunos fazerem seus próprios questionamentos. Dessa forma, o professor deve se vigiar para que não limite seus alunos às suas próprias convicções, então o docente deve fazer o máximo para não tolher o processo de conhecimento dos seus alunos.

Para que esse ensino se dê de forma proveitosa, o professor deve preparar aulas que não sejam limitadas à meras discussões em círculos, que possa trazer conceitos ligados aos alunos conhecem. O professor deve ter em mente que introduzir o método de duvidar demanda tempo e esforço de ambos os lados.

Pensa-se que para melhorar a qualidade de ensino de Filosofia o professor deve buscar qualificar-se e preparar aulas criativas de forma que desperte interesse nos alunos e os faça acordar do “sono” em que se encontram e voltem a se questionar. Por outro lado, o professor deve estar consciente de que não se trata de uma tarefa fácil e que não deve desmotivar-se caso não consiga atingir tais objetivos em todas as aulas, pois é praticamente impossível manter as aulas em um mesmo nível, pois cada dia é um dia, um aluno hoje está mais disposto a participar e amanhã pode ser que não esteja, e o próprio professor tem determinados dias em que está mais inspirado. (SIQUEIRA, 2012, p.8)

O professor tem a capacidade de dialogar com os alunos e ser ouvido, ele pode usar isso a seu favor, mas deve-se ter em mente que o processo de usar a dúvida não é somente obrigação do professor, mas de um trabalho em equipe: o aluno também deve demonstrar

interesse. O professor motivador é aquele que vai propiciar o aluno instigador, será aquele que irá oferecer as primeiras ideias do que deverá ser feito para que o resultado seja o melhor possível, no caminho para que o aluno alcance sua autonomia intelectual.

3.2 Aluno instigador

O *aluno instigador* é o resultado do trabalho em conjunto com o *professor motivador* que, através do uso da dúvida, conseguiu tirar proveito do que lhe foi ensinado. Usando da dúvida o discente pode colaborar para o seu próprio amadurecimento. O senso comum, que se aceita sem alguma fundamentação, juntamente com a falta de investigação pode gerar um grande obstáculo para o conhecimento. Aceitar tudo de bom grado pode ser um grande problema para quem está aprendendo, pois acostuma-se a facilidade e passividade perante os assuntos vistos.

É por esse motivo que Descartes põe a dúvida à frente de qualquer conhecimento, a fim de filtrar o que se recebe, poupando o trabalho de firmar como verdade algo que é errôneo, e ter que refazer o caminho duas vezes. É importante para o aluno criticar o que lhe é apresentado, não estar completamente satisfeito com algo recebido pelos professores, de algo que acredita que está errado ou faltando algo, instigar, perguntar para as pessoas que lhe rodeiam, perguntar aos professores, ler sobre o assunto que lhe fez duvidar, analisar a fundo para enfim chegar a uma resposta que lhe mostre clareza.

Esse voltar-se a nós mesmos é uma atividade filosófica – preocupada que é pela dinâmica do pensamento e da consciência – e é uma pré-condição para o alcance de maior autonomia dos sujeitos, constituindo-se em estímulo para a capacidade argumentativa, analítica, investigativa e metódica. Esse trabalho nos permite nos livrarmos dos pré-juízos e dos pré-conceitos que incorporamos em nossa formação, às vezes, descuidada. (HENNING, 2015, p.8)

Novamente deve-se atentar que tornar um aluno instigador não é somente um trabalho do professor, mas um trabalho em conjunto de discentes e docente. O interesse deve partir dos dois lados, o aluno instigador não espera somente que o professor dê as respostas, ele mesmo a busca. O aluno instigador torna-se possível quando este usa a dúvida para conhecer a verdade.

Quando faziam quando eram crianças, quando se é pequeno, nos primeiros anos, não se tem medo ou vergonha de perguntar, de mexer nas coisas para descobrir como funciona, mas quando se cresce, aquilo que te motiva a perguntar vai se perdendo, não que as dúvidas

não existam mais, mas por que não foi dada a devida atenção para elas quando se era criança, o fizeram pensar que a curiosidade, que perguntar é uma coisa chata e inconveniente.

Quando o aluno sai da passividade, da sua zona de conforto em sala, e passa a participar das discussões, reaprendendo a perguntar onde passa a fazer questionamentos relevantes e ir atrás das respostas, passa a se sentir mais à vontade e passa a utilizar os aprendizados em sala de aula para inclusive analisar as coisas que conhece do seu dia a dia. Neste momento o aluno conquista sua autonomia quando passa a participar de forma ativa na sala, acaba por encontrar seu lugar, muitos não participam por não entender como a Filosofia está presente em sua vida.

De um modo geral, criticidade propicia ao ser humano capacidade de interpretar, discernir, julgar, desvendar o que está oculto, esmiuçar os fatos aparentes, observar as ciladas, compreender a realidade numa perspectiva hermenêutica captando o real significado e as causas imperceptíveis ao olhar ingênuo. Logo, criticidade avizinha-se à autonomia, a capacidade de decidir por conta própria, portanto, é a conquista da liberdade. (HENNING, 2015, p.8)

Percebe-se que a tarefa de transformar um aluno receptor em um que investiga, que não se dá por satisfeito a qualquer informação, é de suma relevância para seu amadurecimento intelectual e para que o aluno perceba que o ensino de Filosofia é mais do que mero exercício de decorar datas e ideias, a qual estava habituado. A filosofia é capaz de permitir uma visão diferente do que está acostumado a olhar de forma unilateral e passar a usar mais da dúvida no seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando ao início deste artigo, vale a pena indagar outra vez: no que se refere aos alunos, como fazer com que possam reaprender a duvidar e possam usá-la sem medo?

Primeiramente a dúvida seria mediada pelo professor. O mesmo será o responsável pelo diagnóstico, vendo até que ponto os alunos podem indagar para, assim, ter a possibilidade de conhecer as coisas. Não que o professor acabe por se tornar uma figura que tolhe seus alunos, moldando-o conforme suas próprias crenças, educação e preceitos. Sua intenção deve ser a de guiar o aluno pelo caminho do conhecimento, para que este possa fazer bom uso da dúvida.

Mas para que isso ocorra, o professor deve motivar esse espírito instigador, dando-lhe espaço para que possam pensar, argumentar, duvidar. Um método que pode ser utilizado neste caso é chamar a atenção do aluno, de forma que ele possa compreender o objetivo do docente. O professor nesse momento pode usar de situações vividas ou do cotidiano dos adolescentes, a

fim de incentivá-los às investigações, como um tipo de introdução ao duvidar, para enfim levar o aluno a adentrar a Filosofia pelo caminho seguro do conhecimento, a partir da dúvida presente tanto na sua vida pessoal quanto na sua vida estudantil.

O segundo passo pode ser o de começar com algumas perguntas-chave, a fim de o professor poder delimitar e situar até onde vai o conhecimento e os questionamentos que os alunos possam ter acerca do conteúdo em questão. A partir disso, o professor irá conduzi-los até o objetivo esperado, estimulando no aluno a curiosidade, o desejo de saber mais sobre a temática que está sendo debatida.

Com o uso rotineiro da dúvida em sala de aula, os alunos aprenderão como apropriar-se da mesma e quando usá-la, até poderem perceber que o questionamento está presente em suas vidas em diversas situações e que se esta for empregada de forma coerente, o ajudará a tomar decisões e a poder conhecer muito além do senso comum. Fora da acomodação que o hábito lhe trouxe, os alunos passarão de receptores a alunos instigadores, participando na formação de seu próprio conhecimento.

Quando os alunos encontram por si mesmos a verdade e a aprendem, eles se tornam mais ativos em sala, mais participativos e com mais interesse na aula de Filosofia. Eles passam a usar a dúvida quando percebem que ela, mesmo que de forma simples, tem utilidade em sua vida. E mesmo que antes não apresentassem interesse porque estavam acostumados a decorar ideias e tinham apenas uma visão resumida acerca do ensino de Filosofia, com a motivação do professor eles entenderão que o ato de duvidar pode abrir os variados caminhos na busca pelo conhecimento.

O professor, portanto, tem papel ativo ao colaborar para a formação da autonomia do aluno, na transformação deste que apenas recebe os conteúdos e que não percebe e não vê a importância de questioná-los. Para um professor pode ser difícil trabalhar com um aluno instigador, pois ele é o perfil que precisa de atenção e tempo para construir suas ideias. Porém, menos resultados teria ao formar alunos receptores, pois sairão de suas aulas com somente uma habilidade: a de reproduzir ideias. Um aluno que passa a entender e a analisar criticamente o que o cerca, seja uma informação, uma nota na rede social, uma atitude de alguém ou mesmo nos conteúdos apresentados em sala de aula, através da dúvida, trará não somente a mudança de sua atitude em sala de aula, não somente um novo olhar para o ensino de Filosofia, mas sobretudo uma transformação na sociedade.

REFERÊNCIAS

ALONSO JÚNIOR, Sebastião. René Descartes e a filosofia da educação moderna: um modelo de subjetividade. In: ANAIS DO V ENCONTRO DE ACADÊMICOS DE PEDAGOGIA E EDUCADORES, Universidade Estadual de Goiás, 2012

ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. Brasiliense, 1981

BARBOSA, Claudio Luis de Alvarenga. Didática e filosofia no ensino médio: um diálogo possível. Educação Unisinos, Rio de Janeiro, v.12, n.2, p. 133-142, mai. / ago. 2008

BRASIL-MEC/SEB. Orientações curriculares para o ensino médio – Ciências Humanas e suas Tecnologias (v.3). Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de educação Básica, 2006. p. 31.

COTTINGHAM, Jonh. **Dicionário de Descartes**. Trad. Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1995. p.50

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005

DUTRA, Jorge da Cunha. Os desafios para o ensino de filosofia diante da reestruturação do ensino médio brasileiro. Pólemos, Brasília, v. 4, n.7 jan-jul. 2015

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta** Rio e Janeiro: Paz e Terra, v.15, 1985.

GALLE, Lorita Aparecida Veloso. **A manifestação dos interesses dos estudantes por meio de perguntas sobre a combustão da vela**. In: EDUCERE, XII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE. 2015. Disponível em: <[HENNING, Leoni Maria Padilha. A educação na contra-mão da criticidade. Espaço acadêmico, n.169. jun. 2015](https://www.google.com.br/search?q=GALLE,+Lorita+Aparecida+Veloso.+(A+MANIFESTA%C3%87%C3%83O+DOS+INTERESSES+DOS+ESTUDANTES+POR+MEIO+DE+PERGUNTAS+SOBRE+A+COMBUST%C3%83O+DA+VELA+pdf&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gws_rd=cr&dcr=0&ei=7GqwWujsMYmywATGhYmACA.>Acesso em: 13 de jan. 2018</p>
</div>
<div data-bbox=)

MEYER, Cybele. **Dia da escola é hoje e todos os dias**. abr. 2012. Disponível em: <<http://educaja.com.br/2012/04/a-importancia-do-desenvolvimento-do-pensamento-critico-na-crianca.html>> Acesso em: 15 nov.2017

OLIVEIRA, Fernando Bonadia de. Educação em Descartes: que educação racionalista é essa? Aprender - Cad.de Filosofia e Psicologia da Educação, Vitória da Conquista, n. 6 p.55-78. 2006

PILETTI, Nelson. **Sociologia da educação**. São Paulo: ÁTICA, 2000

RAMOS, M. G. A Importância da Problematização no Conhecer e no Saber em Ciências. In: GALLIAZZI, Maria do Carmo, et al. (Org.). Aprender em rede na Educação em Ciências. Ijuí: Ed. UNIJUI, 2008, p.57-75

REALE, Geovani; ANTISERI, Dario. **História da filosofia**: Do Humanismo a Kant. São Paulo: Paulus, 1990. p.366

SILVA, Geruza Barbosa da. **O papel da motivação para a aprendizagem escolar**. In: universidade estadual da Paraíba, pró-reitora de ensino médio, técnico em educação á distancia, 2013. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/9644>> Acesso em 20 de dez. 2017

SIQUEIRA, Grégori Lopes. RIBAS, Maria Alice Coelho. **Dificuldades no ensino de Filosofia no cenário da educação básica brasileira**. In: XVI JORNADA NACIONAL DA EDUCAÇÃO: TERRITÓRIO DE SABERES. 2012. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0ahUKEwjb2IuSkuXYAhUIk5AKHTDxBsIQFggvMAE&url=http%3A%2F%2Fjne.unifra.br%2Fartigos%2F4731.pdf&usg=AOvVaw0cAiyKxfrmW-u1mzth_2vTU>. Acesso em: 28 de dez. 2017